

O caso Nadia

Fonte: Fulgence Raymond et Pierre Janet. *Les obsessions et la psychasthénie*. Vol. II. Paris: L'Harmattan, 2005, p. 368-373. Publicado originalmente em Paris: Félix Alcan, Éditeur, 1903.

Tradução para o português de Micaela Krumholz

### Observação 166- **Delírio de magreza pela obsessão da vergonha do corpo**

Gostaríamos de lhes apresentar um simples resumo desta admirável observação sobre uma doente, atualmente com 28 anos de idade, que um de nós já designou pelo nome de Nadia <sup>1</sup>. Vejamos primeiramente a situação atual, o estado ao qual a doente chegou na idade de 28 anos, depois de muitos tratamentos e esforços de sua parte. Isto nos permitirá compreender melhor o interesse e o sentido desta longa evolução mórbida.

Nadia é uma jovem de família rica e muito distinta, e ela mesma é extremamente bem dotada. Sua inteligência é admirável, ela fala correntemente francês, inglês, alemão e russo, lê italiano e espanhol. Seus conhecimentos literários em todas as línguas são consideráveis e ela ainda lê muito. De muitos pontos de vista, ela é uma artista notável, capaz de desenhar um pouco e de compor motivos de decoração. Ela é, sobretudo, muito musical, seja do ponto de vista da execução como do ponto de vista da composição. Suas composições, que submetemos à apreciação de pessoas competentes, foram consideradas interessantes e denotam grandes conhecimentos musicais. Acrescentemos que ela tem um gosto muito seguro, muita distinção e elegância.

Parece que uma jovem deste tipo seria feita para ter um lugar importante na sociedade. No entanto, ela vive há cinco anos num pequeno apartamento do qual ela quase não sai, vive sozinha com uma cuidadora, a única pessoa que ela pode ver, além do seu médico. Só em casos excepcionais e com grandes esforços ela consegue ver, de tempos em tempos, alguns membros de sua família. Ela não se corresponde com ninguém, recebe raramente alguma carta de suas irmãs, e permanece, a rigor, quase que completamente isolada do mundo exterior. Este isolamento não é o resultado de um gosto particular pela solidão. Nadia é a primeira a deplorá-la: é uma espécie de necessidade que resulta de um conjunto de distúrbios psicológicos. O isolamento entrou no lugar de verdadeiros delírios que colocavam sua vida em risco, e é pouco provável que seja possível diminuí-lo no futuro. Ele resultou de uma longa série de escrúpulos

---

<sup>1</sup> Esta doente, Nadia é uma das doentes mais frequentemente estudadas no primeiro volume desta obra. Damos aqui somente um resumo de sua observação para permitir a coordenação dos diversos fenômenos.

variados: o termo mostra bem, no nosso entender, a natureza da doença, que é, sobretudo, uma doença da depressão, da diminuição da capacidade de adaptação à realidade e ao mundo social. Podemos agora resumir os fatos que levaram pouco a pouco a este resultado singular.

Nenhum dos pais foi exatamente um alienado, mas é evidente que há uma predisposição para tanto nas duas famílias. O pai é doce, sem vontade e muito indeciso; a mãe foi uma pessoa muito nervosa, provavelmente já atormentada por obsessões. Os filhos morreram em tenra idade, em estados que se aproximam provavelmente da imbecilidade, enquanto que todas as filhas assemelham-se entre si, possuindo, em graus diferentes, a mesma característica de Nadia. Embora já mais velhas e igualmente bem dotadas, nenhuma conseguiu ou quis se casar. Elas permanecem um pouco isoladas, com poucas relações, tristes e escrupulosas, embora em grau menor que sua irmã.

Nadia, desde a infância, foi estranha e muito difícil de ser educada. Extremamente inteligente e precoce, ela era obstinada, irritável e ineducável. Com a idade de quatro anos ela já apresentava obsessões estranhas, já tinha uma necessidade singular de agitação e de bizarrices. Muitos de nossos doentes nos explicaram essa necessidade: eles sentem um terrível rebaixamento, uma depressão de espírito que não conseguem tolerar, e lhes parece que não conseguem sair disso se não fizerem um barulho enorme, ou certas ações extraordinárias, inéditas que sacudam os outros e elas próprias de sua inércia.

Nadia ficava furiosa quando via pessoas calmas, ela queria acordar todos na casa, e se colocava em estados de raiva indescritíveis. Seu caráter era absolutamente antissocial, embora ela tivesse uma grande afeição por todos. Havia uma contradição que sempre a fazia sofrer entre seus sentimentos secretos e a maneira pela qual ela os expressava. Ela fazia uma questão enorme de ser amada e exigia um amor extremado de todos, de seus pais, de suas irmãs, de seus empregados domésticos; mas, assim que obtivesse um pouco de afeição, ela se tornava tão exigente, tão dominadora, que ela não tardava a afastar as pessoas. Esta necessidade de ser amada e esta característica autoritária são estigmas da abulia, que geralmente não se manifestam juntos a não ser numa idade muito avançada e que já a tornavam insuportável antes dos dez anos de idade.

Disso resultava uma extraordinária suscetibilidade: a menor caçoada, a menor crítica, a colocavam em desespero e provocavam distúrbios prolongados. Ora, em sua juventude, em torno dos dez anos, ela foi exposta a algumas gozações por parte de seus

primos que tinham a pretensão de mudar seu caráter. O resultado obtido foi muito negativo, pois tais gozações determinaram sentimentos agudos de descontentamento, de insuficiência, de vergonha dela própria: tais zombarias sobre sua maneira de andar, de falar, de comer, localizaram o sentimento de vergonha sobre seu corpo. Por outro lado, sua necessidade de ser amada lhe inspirava o desejo de permanecer criança, de ser sempre uma criança a ser mimada e que pode exigir tudo; em uma palavra, o pensamento de crescer lhe inspirava um terror. Estas duas disposições fizeram com que tomasse horror a seu corpo e, sobretudo, fizeram com que retardasse seu crescimento: a vergonha de seus pés, de suas mãos, de seus quadris, de sua cabeça, de seus cabelos permaneceu por muitos anos.

A chegada precoce da puberdade agravou singularmente as coisas misturando os temores do pudor aos temores de crescer. “Já que os homens gostam das mulheres gordas, quero permanecer extremamente magra”. O terror dos pelos do púbis, do desenvolvimento dos seios, se acrescentaram aos temores já existentes.

As rumações mentais ainda mais aumentadas pela elevada inteligência resultaram de tais temores: pesquisas sobre todos os meios possíveis para não crescer, manias de precaução intermináveis, manias de associação de idéias de uma complicação inédita e, sobretudo, juras e pactos vêm preencher todo seu pensamento. “Se toco quatro vezes uma nota do piano no mesmo trecho, consinto em crescer e em não ser mais amada por ninguém.” Ela jura recomeçar cinco vezes ou dez vezes uma oração, de saltar cinco vezes sobre um pé, e depois ela considera aquilo absurdo e jura não mais fazê-lo, e então se interroga para saber qual dos dois sermões está valendo. Todos os atos que ela ama, tocar piano, ler, são atrapalhados pelos sermões, ela jura não mais fazê-los ou então ela faz um pacto quando os inicia. Os atos se tornam todos cada vez mais difíceis e complicados.

Tudo se torna mais grave quando, em torno de quinze ou dezesseis anos, ela começa a inventar a idéia de não comer mais para não crescer. A mania do sermão toma conta desta idéia e então ela jura por tudo o que ama não mais comer; a seguir, quando as súplicas de sua mãe a conduzem a ceder, ela fica aterrorizada pelo pensamento dos sermões que ela tinha feito e crê que ela matou seus pais. Ela passa horas de joelhos, escrevendo sermões e rasgando-os, a rumação mental desenvolve-se de maneira inconcebível.

Uma febre escarlatina bastante grave e, sobretudo a emoção causada pela morte de sua mãe, diminuem ainda mais a resistência de sua vontade: ei-la com dezoito anos

em pleno delírio. Ela se impõe um regime fantástico, e tudo o que pode absorver durante o dia compõe-se de duas sopas de caldo claro, uma gema de ovo, uma colher de vinagre, uma xícara de chá com suco de um limão inteiro.

Ela passa várias vezes períodos de seis meses numa casa de saúde. Ela é alimentada à força, o que lhe permite recuperar algumas forças, e depois é posta em liberdade, quando tudo então recomeça. Um amor louco por um grande músico complica as coisas. O talento deste músico, que ela tinha capacidade de apreciar, tinha provocado nela uma forte emoção, e esta emoção, tal como ocorre freqüentemente com os psicastênicos, a tinha reerguido, tinha lhe devolvido um pouco o sentimento da realidade, a tinha livrado um pouco de seus pactos. Tais doentes, longe de serem muito emotivos, como é repetido incessantemente, na realidade são seres entorpecidos, à procura de uma emoção. Aquele que consegue produzi-la, torna-se para eles um salvador aos quais eles se ligam desesperadamente.

Este músico, aliás bem idoso, veio a falecer, e Nadia pensa ainda que seus pactos teriam causado esta morte: ei-la agora que chora sua mãe e “seu ideal”. As mágoas têm para ela o triste privilégio de serem eternas; da mesma maneira que ela não sabe se adaptar a uma circunstância atual, ela não consegue tomar partido em relação a um fato passado. Ainda hoje, decorridos treze anos, ela se crê no momento da morte de sua mãe, o tempo não existe para ela. Ela não o sente passar e não se dá conta nem de sua idade, nem do passado longínquo das coisas. Ei-la cada vez mais obstinada em seu regime absurdo, cada vez mais irritada contra seus pais, que não têm mais nenhuma ação sobre ela. Ela se enfraquece, permanece acamada quase que constantemente, o que não impede as cenas de violência, nem as rumações intermináveis.

Neste momento é que foi preciso decidir separá-la definitivamente de sua família e foi quando um de nós a estudou e a tratou. É uma pessoa que jamais perdeu a consciência de seus delírios: ela sabe muito bem que tudo isso é absurdo; é por isso que, quando se tem alguma influência sobre ela, não é difícil colocar um pouco de ordem em sua conduta.. Quando ela foi isolada dos seus, quando ela sentiu que só havia uma direção, não foi difícil restabelecer uma nutrição mais ou menos normal, suprimir os maiores absurdos de sua conduta, de fazê-la perder a maior parte de seus hábitos de pactos e de manias mentais. Contudo, em que condições? Com a condição de levar em conta sua fraqueza de vontade, e de lhe dar somente trabalhos no nível de suas forças. É bem verdade que lhe são precisos oito dias para se decidir sobre uma ação que nos demandaria dois minutos, que lhe são precisos meses para se acostumar à menor das

mudanças. É preciso uma grande paciência para obter alguns atos que julgamos necessários; levamos anos para fazê-la tocar piano diante de nós, para fazê-la tolerar a luminosidade de seu quarto. Ela queria viver na escuridão e receber seu médico no canto mais sombrio, de cabeça virada. Ela conseguiu, através de uma educação gradual, suportar uma grande iluminação elétrica. Sua necessidade de direção a faz tolerar as exigências que lhe impomos. É perfeitamente certo que exigindo um ato acima de suas forças, a fazemos delirar. Se ela não consegue realizar um ato pedido, há uma derivação no sentido de uma agitação motriz, gritos, movimentos violentos, grandes ruminações mentais, mais do que em direção a angústias.

Esta doente sempre teve pouca predisposição às angústias, ela própria pretende não saber bem do que se trata. Isto revela mais uma vez que as obsessões não derivam necessariamente da angústia. Se a forçamos a receber duas visitas num dia, tornamo-la delirante durante oito dias. Mais ainda, distúrbios muito grandes a colocam num estado de estupor, e, aos nossos olhos, ela teve grandes acessos de confusão mental. Disso resulta que se consegue chegar a um estado de razão média, com a condição de simplificar muito sua vida, suprimindo quase todas as dificuldades da existência, quase todas as relações sociais e deixando-a, conseqüentemente, neste estado singular que descrevemos no início.

A doente se apercebe, pois naturalmente ela se analisa muito, ela sente que ela não vive como todo mundo, que ela não está no real, mas num sonho perpétuo, que ela vive mais no passado do que no presente, e a coisa mais surpreendente do mundo é que uma pessoa tão inteligente quando se trata do abstrato do passado, do imaginário, se torne tão absurda na realidade presente. É raro ver tão claramente a oposição das faculdades de inteligência e as faculdades da vontade e de se dar conta da inferioridade real da inteligência abstrata.

Poder-se-ia esperar novos progressos? Seria à condição que o poder da atenção aumentasse muito. As excitações do cérebro têm naturalmente bons efeitos, mas elas não podem ser repetidas todo o tempo. Seria preciso uma melhor nutrição cerebral, mas infelizmente o estado geral de saúde não permite sequer esperá-lo. Trata-se de uma grande artrite com todos os distúrbios da atonia gástrica, colite mucomembranosa, hemorróidas; mesmo hoje quando ela consente em comer, é preciso muita prudência para alimentá-la, podendo-se temer que esta fraqueza física não permita facilmente novos progressos da atividade cerebral.